XXV Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

18 a 20 Outubro Campinas | Brasil

2017

Por que ler Ovídio? Um autor “clássico” de Roma Antiga em Italo Calvino.

Thiago Lopes Araújo*, Isabella Tardin Cardoso.

Resumo

Publicada em 1991, *Perché leggere i classici* (“Por que ler os clássicos”) de Ítalo Calvino (1923 – 1985) é uma recolha de ensaios escritos para jornais entre as décadas de 1970 e 1980. Neles, o autor italiano exorta seu público à leitura, em particular daqueles textos que ele considera merecedores de atenção por serem considerados “clássicos”. Para tanto, Calvino parte de autores de diversas épocas e culturas. Nosso estudo pretende analisar excertos selecionados da obra de Públio Ovídio Nasão (43a.C. - 18? d.C.), e, adotando uma metodologia intertextual, apreciando suas características poéticas, visa-se entender de que maneira os textos referidos por Calvino apresentam elementos estilísticos que permitem ao autor italiano apontá-las como paradigma para aquilo que defende como compatíveis para o seu conceito de “clássico”. Não menos importante, pretendemos confrontar as definições de “clássico” apresentadas por Calvino e de outros autores modernos, dentre eles Borges, Citroni, Eliot e Coetzee, observando a construção do conceito em diferentes épocas, culturas e abordagens. Com isso, visa-se entender de que maneira a concepção de “clássico” se reflete na leitura que o autor italiano faz da obra ovidiana. Além disso, visamos contribuir para a compreensão da relação de Calvino com os autores antigos em geral.

Palavras-chave:

Italo Calvino, *Perché leggere i classici*, Ovídio.

Introdução

Em *Perché leggere i Classici*, Ítalo Calvino (1923 – 1985) nos indica o quão importante é a leitura e compreensão de textos que ele considera clássicos, incluindo-se entre eles a obra do autor abordado neste estudo, o poeta latino Ovídio. A concepção de “clássico” apresentada por Calvino foi objeto de discussão no decorrer da pesquisa. Para tanto, confrontamos diversas definições do termo, quer elencadas pelo autor, quer por outros. Mas, particularmente, interessou-nos apreciar de que modo ela se manifesta na práxis crítica que o autor desenvolve na obra *Por que ler os Clássicos*. Nesse sentido, chamam a atenção as constantes remissões à Antiguidade Clássica greco-romana, as quais o autor italiano utiliza para exemplificar as suas definições de clássico. Dentre essas, analisamos as principais referências a Públio Ovídio Nasão.

Resultados e Discussão

No que se refere ao capítulo sobre a “contiguidade universal” em Ovídio, Calvino nos traz inúmeras referências às *Metamorfoses* de Ovídio. Em todos os exemplos citados no ensaio, Calvino não se limita a descrever somente um aspecto do compor ovidiano: chama-lhe atenção o caráter universal das *Metamorfoses*, a sua capacidade de condensar os artifícios literários e, assim, dialogar com o mundo, com o leitor, “sem decidir entre as chaves de leitura possíveis”. Aqui, Calvino dialoga com suas definições de “clássico”, evidenciando uma de suas características: a pluralidade de significados, “mimetizada no inconsciente coletivo e individual”. Assim também define o termo Borges (1974), afirmando que um clássico “é passível de interpretações sem fim” (p.168). Nem Borges nem Calvino apresentam uma concepção de clássico tão absoluta, ou etnocêntrica, como as verificadas nos estudos de Eliot (1945) e Coetzee (1992). Ao contrário, as qualidades admiradas nos textos a que Calvino chama de “clássicos” talvez possam ser úteis a uma sensibilidade que valorize manifestações literárias das mais diversas civilizações. Nota-se, ainda, que o autor

italiano (tal como Borges) não associa o termo “clássico” necessariamente à modernamente chamada Antiguidade Clássica, ou a outra época específica. Isso porque várias das propostas de Calvino ora estão ligadas à percepção do leitor, ora a características mais amplas que fazem com que uma obra seja chamada de “clássica”.

Conclusões

Ao elencar 14 definições sobre “Clássico”, Calvino nos fala sobre uma das características que fazem de uma obra um clássico e, dentre elas, está o aspecto seu polissêmico: trata-se de uma “ambiguidade propriamente mítica”, e o leitor tem um papel fundamental na construção desses significados. Calvino nos diz, portanto, algo que, à primeira instância, pode beirar a obviedade (sim, as *Metamorfoses* são um clássico da literatura...). Mas, com uma análise mais precisa, tal proposição nos informa e nos leva a pensar/repensar a nossa relação com a literatura. Nas páginas de seus ensaios sobre “clássicos”, nota-se uma necessidade de que o leitor colha os seus diversos significados de um texto: essa amostra da obra calviniana é uma metaliteratura que representa e conta o mundo, numa relação dialética constante entre a tradição e a inovação.

Agradecimentos

Agradecemos ao PIBIC/CNPq e à Universidade Estadual de Campinas pelo fomento.

BORGES, J. L. (1974) “Outras inquisições” in Obras Completas. São Paulo: Companhia das letras, pp.167-169.

Calvino, I. (2002) *Por que ler os clássicos*. Tradução de Nilson Moulin. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras.

CITRONI, M. (2003) “I canoni di autori antichi: alle origini del concetto di classico”, in L. Casarsa.

COETZEE, J. M. (1992) “What Is a Classic?” *Stranger Shores: Essays*, 1986–1999. London: Vintage, pp. 1–19.

ELIOT, T. S. (1945) “What Is a Classic?”: An Address Delivered before the Virgil Society on the 16th of October 1944. London: Faber, pp. 1–32.

DOI: 10.19146/pibic-2017-79118

XXV Congresso de Iniciação Científica da UNICAMP